

Castelos no ar

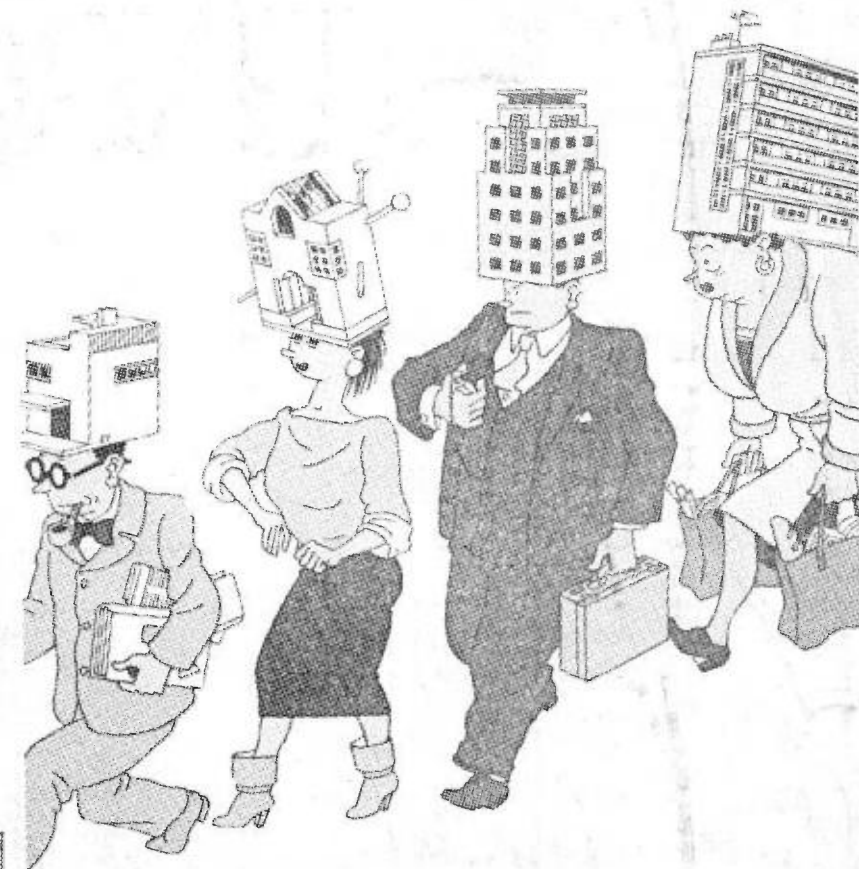
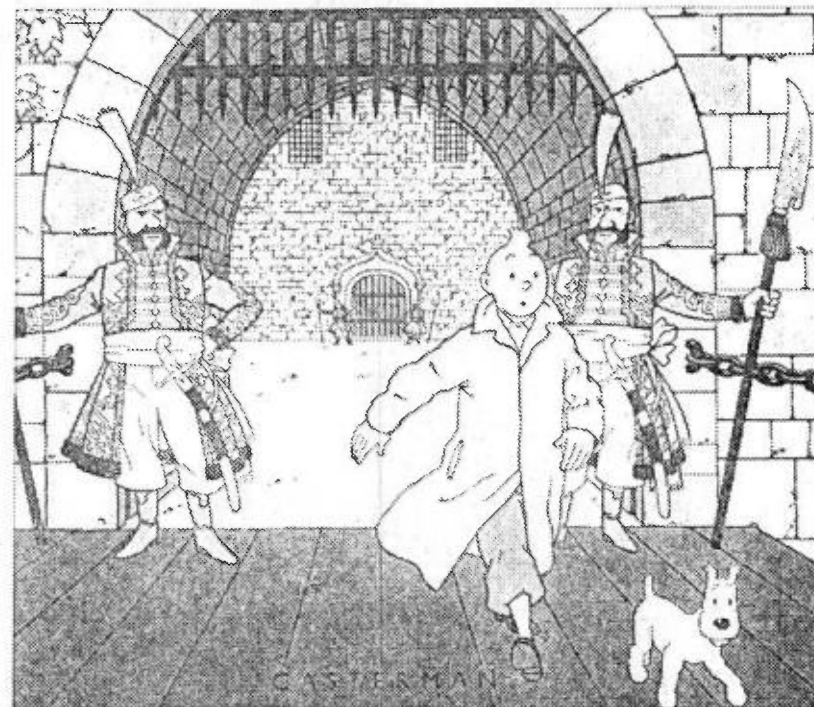
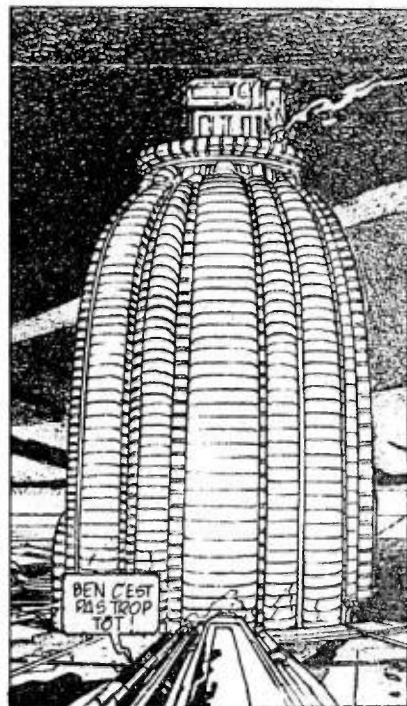
Em exposição, a arquitetura imaginária da história em quadrinhos

Lina de Albuquerque

SÃO PAULO — A exposição A arquitetura na história em quadrinhos, inventada há três anos pelo Instituto Francês de Arquitetura, já pousou na Itália, Suíça, Noruega, Portugal, Espanha. Ontem à noite, ela aterrissou na Avenida Paulista com uma tripulação de mais de cem quadrinistas, para ficar no Museu de Arte de São Paulo (Masp) até o próximo dia 24. Muito mais viajados do que a mostra, no entanto, são os heróis criados por esses quadrinistas: espalhados por diversos estandes e por gigantescas páginas de livros, com 1m80 de altura, eles povoam a arquitetura ao longo dos séculos e atravessam toda a sorte de civilizações imaginárias.

O grande desenhista belga Georges Remi, famoso mundo afora sob o pseudônimo Hergé (foneticamente tirado de suas iniciais, R.G.), é certamente um dos nomes mais homenageados dessa exposição que, no dia 28 de julho, segue para o Rio de Janeiro, onde poderá ser visitada no Instituto de Arquitetura Brasileira (IAB) até 14 de agosto. Pudera: o seu Tintin, criado há 60 anos, já percorreu o Oriente, morou em porões de navios cargueiros, conheceu templos egípcios e tibetanos e pisou na Lua exatamente 15 anos antes que os primeiros astronautas o fizessem, em 1969. Sem quase nunca sair de seu escritório, Hergé proporcionava ao público juvenil as mais fascinantes aventuras nas páginas dos 22 álbuns que deram longa vida a seu arguto escoteiro loirinho.

Orçada em 100 mil dólares, a mostra contou com o apoio cultural da Hunter Douglas, fabricante de materiais para construção. Embo-



De castelos medievais a cidades futuristas, os personagens das histórias em quadrinhos povoam a arquitetura de vários séculos e passeiam pelos mais diversos tipos de civilizações

ra estejam presentes nas páginas dos enormes painéis, autores americanos cultuados, como Will Eisner (Spirit), Bob Kane (Batman) e Joe Schuster (Super-Homem) não recebem um terço do destaque dado aos europeus, em especial os belgas e franceses. Os curadores da mostra, os franceses François Mutterer e Lionel Guyon, lamentam que seja assim, mas justificam a ausência com o elevado custo dos direitos autorais. Os visitantes poderão sentir falta, também, de um maior detalhamento histórico e didático — lacuna compensada pelo catálogo da exposição editado pela Martins Fontes e vendido a Cz\$ 2 mil 980.

O primeiro capítulo da coleção coloca diante dos olhos imponentes construções góticas e ruínas de templos medievais sob uma perspectiva moderna. Daqui já acenam os belgas Hergé e Morris, com o seu impagável Lucy Luke. Em seguida o olhar é



atraído para as formas arredondadas da *art nouveau*, marco, por sinal, do surgimento nos Estados Unidos daquilo que viria a ser chamado de história em quadrinhos. Uma elegante Paris do final de século captada pelo francês Tardi, fábricas fumegantes sob os contornos realistas de Bilal ou eróticos de Pichard. Na década de 50, com o pós-guerra e americanização da sociedade, a arquitetura ganha um estilo indefinido, refletido nos quadrinhos dos belgas Paape e Winberg. A constatação do fenômeno da vulgarização dos automóveis, nessa época, leva os organizadores da mostra a imaginar uma tela à parte: os postos de gasoli-

na são lembrados nos traços dos belgas Hergé e Franquin e do francês Graton. Após os anos 70, o realismo de Moebius, pseudônimo do francês Jean Giraud, espreita um conjunto habitacional da periferia de uma grande cidade, para depois, no último painel, chamado "Talvez um dia no futuro", espalhar sua tinta surreal pela organização de uma sociedade fantástica. Dessa última tela também se despede o nômade Tintin, a bordo de um foguete lunar em companhia do inseparável cãozinho Milu, dos detetives gêmeos Dupont e Dupond, do compenetrado professor Calculus e do irascível Capitão Haddock, que, depois de uns goles de uísque, topa qualquer viagem.